

própria experiência no outro lado da morte...

# Voltar do Amanhã

Dr. George G. Ritchie  
e Elisabeth Sherrill



Um psiquiatra descreve aqui sua própria experiência no outro lado da morte...

# VOLTAR DO AMANHÃ

**Dr. George G. Ritchie e  
Elisabeth Sherrill**

Tradução  
GILBERTO CAMPISTA GUARINO

QUINTA EDIÇÃO

APRESENTAÇÃO

Considerando-se a história e o desenvolvimento da Filosofia, bem se pode caracterizá-la como uma obsessão com a morte. A morte, aliás, jamais deixou de ser uma profunda e fundamental preocupação dos filósofos. Assim, não é tão surpreendente que eu tenha ficado intrigado quando em

1965, aos 21 anos, como estudante que ainda não colara grau em Filosofia, soube do caso de um homem, tido por clinicamente "morto", que passara por uma experiência incrível e vivera para narrá-la. Como se não bastasse, esse homem era um médico respeitável, por aquele tempo um psiquiatra residente, já com o acervo de catorze anos como clínico geral. E ele ansiava por compartilhar sua história. Quando surgiu uma oportunidade de ouvi-lo falar, aproveitei-me disso, fiquei profundamente impressionado e "arquivei" tudo mentalmente. Mais tarde, ouvindo outros relatos similares, comecei a investigar experiências de quase-morte.

O nome do psiquiatra é GEORGE RITCHIE, que — agora — deu à público a sua experiência: a crônica de um dos três ou quatro mais fantásticos e bem documentados casos de "morte" que conheço. Mesmo considerada isoladamente, a história do Dr. RITCHIE é surpreendente, ainda mais quando se compreende e leva em conta as centenas e centenas de pessoas que mantiveram íntimos contatos com a morte, retornando com narrativas notavelmente semelhantes.

Para muitos, permanecerá a pergunta: GEORGE RITCHIE esteve realmente morto? E estiveram-no os muitos outros que se viram em tais circunstâncias?... Em termos amplos, se morte se define por um estado peculiar ao corpo, do qual nenhuma reestruturação funcional é possível — definição esta bastante razoável —, tem-se que nenhuma dessas pessoas estava morta. Entretanto, a matéria dos critérios últimos de tanatodiagnose está, no sentido clínico — e mesmo agora —, solta no ar, sem muita colocação na própria Medicina. De minha parte, estou propenso a entender que —

independentemente do estado que se aceite como o de morte corporal — o Dr. RITCHIE e alguns outros chegaram mais perto, muito mais perto desse estado do que a grande maioria de seus companheiros viventes, seres humanos como eles. E, só por essa razão, eu estou ansioso por ouvir o que têm a dizer.

Uma outra pergunta que frequentemente aparece em relação a essas experiências versa que tipo de efeitos elas geram na vida daqueles que as atravessam. Serão visíveis, pelo teor da própria narrativa do Dr. RITCHIE, as vastíssimas — na realidade, centrais — consequências advindas à vida que leva. Infelizmente, só os que o conhecem como amigo podem verdadeiramente sentir a profundidade de benevolência, compreensão e amorosa preocupação com o próximo que caracterizam esse homem notável.

Com essas observações, deixem que eu me afaste do caminho e que os apresente ao meu amigo *George*. Espero que, através deste livro, venham vocês a amá-lo como minha família e eu o amamos.

Dr. RAYMOIND A. MOODY, JR.

Autor de "Vida depois da vida"

## **Prefácio à Edição Brasileira**

*Seria possível ao homem ver e estar no amanhã?*

*Considerando-se as consequências a que conduz o estudo da Física moderna, associando a Mecânica Quântica e a Teoria, da Relatividade (Restrita e Geral), na tentativa de formular um modelo que explique melhor os Fatos do nosso contorno,*

*pode dizer-se que, hoje, as fronteiras do "impossível" estão muito além da audácia dos aceleradores de partículas, que dilatam, que empurram para adiante o campo da Física das inconcebíveis energias dos megaeletronvolts e dos gigaeletronvolts.*

*A teoria quântica do campo, a geometrodinâmica quântica e as chamadas "gauge theories" estão, dia após dia, entrelaçando-se com outras áreas do Conhecimento. Aliás, esse peculiar fenômeno de consciência, consciência esta que Itzhaak Bentov definiu como sendo "a capacidade de um dado sistema responder a estímulos, em quantidade e qualidade" (Stalking the Wild Pendulum), lembra uma rede cujas malhas se interseccionam, forçando-nos, cada vez mais, em direção à unidade ontológica, num outro nível de perquirição epistemológica.*

*Descartes, o genial criador da Geometria Analítica, afirmou: "Toda a Filosofia é como uma árvore cujas raízes são a Metafísica, o tronco é a Física e os galhos que saem deste tronco são todas as outras ciências". (Meditações)*

*John Archibald Wheeler, um dos mais notáveis físicos teóricos do mundo, um mestre da Geometrodinâmica (Teoria da Relatividade Geral), escreveu: "A Ciência não progride antes que a Filosofia autorize-a e encorage-a a tanto". (Gravitation, pág. 1.208 com Charles Misner e Kip S. Thorn).*

*Jean-Emile Charon, renomado físico teórico, afirma-se "convicto de que, se os cientistas contemporâneos se recusam, por instinto, a penetrar os temas da Metafísica com suas pesquisas, não obstante serem aqueles tão fundamentais para o Homem, deve-se-o, em parte, à incapacidade de filosofar, e,*

*em parte, porque se revelam inaptos a imaginar e a criar. Finalmente, porque a reflexão metafísica lhes é inacessível. (L'Esprit — Cet Inconnu)*

David Finkelstein, *prefaciando* The Dancing Wu Li Masters, de Gary Zukav, *anota: "Zukav sabe que a Física é, dentre outras coisas, uma tentativa de harmonia com uma entidade muito maior do que nós próprios, pedindo para plantar, formular e erradicar, primeiro um, depois outro dos nossos mais acalentados preconceitos e hábitos de pensamento enraizados — uma busca sem fim do inatingível. (The Dancing Wu Li Masters)*

*O Dr. George Ritchie não tratou, especificamente, de nenhum desses assuntos, mas nos leva a cogitar de todos eles. Apresentou um Fato e narrou as suas decorrências. Enfrentou uma guerra, viu-se, por inúmeras vezes, totalmente perplexo, esmagado pela força dos acontecimentos, passou por fases de depressão, preparou um homem para morrer, e morreu — ele mesmo — clinicamente, por nove minutos, sobre um leito de hospital, no Texas.*

*Rapidamente, do Acampamento Berkeley para o consultório, a Vida exigiu-lhe um testemunho de honestidade e coerência, que o fez antecipar-se ao amanhã da Humanidade, depois de ter voltado do seu próprio amanhã...*

*Em nove minutos de tempo objetivo, desenrolou-se toda uma existência de tempo subjetivo, relativamente à nossa dimensão.*

*Isso resultou num pequeno livro, de grandes perspectivas, não obstante. Nada melhor que a narrativa do fato, para vermos se ele confirma ou infirma a teoria.*

*Haverá uma vida depois da morte? Quem poderá dizê-lo? Somente os que afirmam ter visto o "outro lado". E será mesmo, aquele, o "outro lado"?... Ou... o nosso é que é um outro?...*

*O Conhecimento é um fato singular, que comporta — no mínimo — cinco problemas: de possibilidade, de origem, de forma, de essência e de critério da verdade. Nele, que é a própria vida, não existe lugar para os que, simplesmente, querem gozar, usufruir, observar... Não existe mais lugar privilegiado para estes.*

*George Gordon fiitchie é um dos que participam, em ato. Será que nós não somos outros tantos, em potência?... Será que Você não é o próximo?...*

Gilberto Campista Guarino

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1980.

## Nota

*Esta tradução não é nem literal nem literária "stricto sensu".*

*Comparando os textos de inúmeros originais, em vários idiomas, com as traduções para a língua portuguesa, frequentemente tenho experimentado a estranha sensação de que o conteúdo do pensamento dos autores ora escapou da forma, ora foi esmagado por ela.*

*Como nos célebres versos de Belmiro Braga (poeta mineiro) a Emílio de Menezes:*

"Ora o assunto transborda do soneto, Ora sobra soneto e falta assunto..."

*Não tenho dúvidas de que a boa tradução precisa recriar o original. Digo recriar porque, antes de mais nada, o que necessita ser transposto é a intenção, o pensamento do autor; a forma não pode deixar de obedecer ao vernáculo que recebe a idéia. Seria absurdo escrever em português como se se estivesse no trato do inglês, por exemplo. E vice-versa.*

*Não obstante, urge atentar para o fato de que, se todas as palavras, em suas múltiplas combinações, estão denotando e conotando alguma coisa, no original, a tradução — se não deve copiar o vocabulário — não pode prescindir de retratar todos os conteúdos.*

*Assim, transpor e modular são técnicas, no método de traduzir, abrangendo palavras, frases, períodos e estilos. E todos eles são verdadeiros "holons", apenas para lembrar a magnífica teoria de Arthur Koestler.*

*No caso vertente, o leitor vai ter uma conversa em voz alta: nem o rigor da linguagem escrita, nem a total e absoluta liberdade da linguagem falada. Aqui, ambos os modos cooperam; não se excluem.*

*Com isso, creio justificar a alguma gíria e a correta colocação pronominal, o coloquialismo e algum vernaculismo, que procurei dosar de modo a reproduzir o original da ágil língua inglesa. Nela, o autor "pensou alto".*

*Esperemos, todos, participar da sessão de Fred Owen, sabendo colocar-nos, ora como Ritchie, ora como o paciente.*

O Tradutor



Cheguei cedo ao meu consultório, de modo a — como gostava — ter uns poucos minutos a sós, antes que meu primeiro paciente chegasse. Olhei o cômodo ainda na penumbra — a escrivaninha, cadeiras confortáveis, o sofá amarelo diante da janela. Achei a prática da psiquiatria profundamente satisfatória. Durante os treze anos em que trabalhara como médico, experimentara com frequência a sensação de que estava tratando somente com partes de uma pessoa, lidando, antes, com sintomas de doença do que com a própria doença. No "Memorial Hospital", em Richmond, Virgínia, onde eu estagiava, não havia tempo para conhecer meus pacientes como gente; isso, aliás, é comum em todos os grandes hospitais da nossa época. Não havia tempo para se ouvir as indagações que estavam por detrás das perguntas que eles haviam feito na sala de entrevistas.

Voltei então à escola, já quando estava na casa dos quarenta. Não havia sido fácil pedir à minha esposa para deixar Richmond, e mudar-se para Charlottesville; não havia sido nada fácil desenraizar as nossas crianças da escola, desistir da minha posição como presidente da Academia de Clínica Geral de Richmond, e voltar a outros anos de estudo e residência. Todavia, durante a dúzia de anos, que se seguiu àquela decisão, por muitas vezes me senti feliz por a haver tomado, e jamais tanto quanto neste instante calmo, ao começo do dia. Com uma sacudidela, abri a agenda sobre a mesa e corri a lista de consultas do dia. Mildred Brown. Peter Jones. Jane Martin.

Não me recordara de que, ainda ontem, ele havia deixado a clínica da Universidade. O médico de Fred, na última semana, dera-me, por telefone, o seu relatório: "carcinoma nos pulmões, com metástase para o cérebro", mas eu já sabia disso. Fred estava morrendo de câncer pulmonar. Desde setembro que eu suspeitava de tudo, já há cinco meses, da primeira vez que ele veio procurar-me com sintomas de depressão aguda. Tudo — a depressão, a tosse seca, o fumar ininterrupto, durante nossas sessões - me havia posto em alerta, tanto que lhe marquei uma hora para exame físico completo no Hospital-Escola Médica da Universidade de Virginia, aqui em Charlottesville.

Aparentemente, Fred não foi a esse exame. Três semanas mais tarde, como tivesse redobradas suspeitas, examinei-o mesmo nesta sala. E claro que eu não dispunha de equipamento adequado, mas ouvira o suficiente através de um estetoscópio. Desde então, ele tem estado no Hospital da Universidade, submetendo-se a uma série de testes e conferências. Isso, porém, tem sido mais por consideração a Fred, e no seu interesse, do que em função de alguma dúvida.

E agora, às 13:00h, ele estaria aqui. Como poderia ajudá-lo diante do tremendo fato da sua própria morte? Nos meses em que estivera a vir aqui, ele havia dado tantos passos importantes... mas tinha ainda um longo caminho a percorrer. Era de tempo que ele precisava, desesperadamente precisava. E era exatamente tempo o que Fred não tinha mais.

Além disso, esse câncer inoperável surgindo justo agora — ele estava com quarenta e poucos — parecer-lhe-ia a própria negação de todos os progressos que tinha feito. No seu caso, o

câncer iria provar em cheio o que a sua neurose sempre quisera ver provado: que o mundo e cada pessoa tinham, desde que nascera, conspirado contra ele. E o problema era que ele não estava de todo errado. Fred nada conhecera além de relacionamentos doentios: desde uma mãe que o renegara, através de uma série de instáveis lares de adoção, até uma sucessão de patrões que o haviam explorado, e um casamento desastroso. Nosso objetivo era desenvolver relações mais saudáveis. Começando com os primeiros sinais de confiança em mim, ele estava — pela primeira vez na vida — estendendo a mão a verdadeiras amizades. E agora estava morrendo! A traição suprema ocorrera, a prova decisiva de que haviam, desde o início, jogado contra ele.

Durante outras sessões, naquela manhã, minha mente permaneceu voltando-se para Fred. À hora do almoço, pedi um sanduíche e comi-o sentado à minha mesa, para o caso de ele chegar cedo. Mas... 13:00h, e nada... 13:15h, e nenhum sinal de Fred... Chegou às 13:35h, a primeira vez, em cinco meses, que se atrasara para a sessão.

"Não vou poder pagar", disse ele, mesmo antes de sentar-se. "Saí do emprego esta manhã. Disse àqueles camaradas sovinas exatamente o que eu pensava deles! Queriam que eu ficasse até que eles arranjassem substituto, mas por que eu deveria fazer isso por eles?"

"Quatro meses foi o que os doutores me deram!", continuou, largando-se na poltrona com algo que, provavelmente, desejava parecesse uma risada. "Que piada, hein doutor? Toda essa escavação no passado, para que eu pudesse melhorar no futuro... só que, agora, não vou ter um futuro! Arranjei as

coisas com a minha mãe, arranjei tudo com a minha mulher — e, agora, tudo uma perda de tempo, hein?"

"Ao contrário", eu lhe disse. "Essas coisas são, agora, mais urgentes do que nunca. O seu futuro, mais do que você possa imaginar, depende da rapidez com que você resolva esse assunto de relacionamento".

Ele me encarou... o seu olhar ferido era terrível de se ver. "Meu futuro?", disse, num eco. "Acabo de lhe dizer que eles me dão quatro meses, o que, provavelmente, significa quatro semanas, porque médicos mentem como qualquer outra pessoa. Francamente, não acho que valha a pena."

"Não estou falando de quatro meses, ou quatro semanas, ou quarenta anos. Estou falando a respeito do futuro que não tem medida."

Vi, então, os olhos de Fred abrirem-se desmesuradamente, e isso foi como se uma porta houvesse batido bem na minha cara. "Você está falando sobre... céu e inferno, esse tipo de coisa? Deixe disso, doutor!"

Ele estava tentando manter o tom mefistofélico, mas eu pude ver que o aborrecera. Nosso relacionamento tinha sido construído devagar, através das semanas, com base no compromisso de que eu "jogaria limpo" com ele. Isso era de absoluta importância; frequentemente, Fred comentava que eu era a primeira pessoa que não tentava iludi-lo.

"Nunca pensei que, dentre tanta gente, recebesse isso de você! Se eu quisesse escutar baboseiras sobre a morte não ser o fim, teria procurado algum ministro carola. Se você puser um bom donativo na sacola, eles prometerão asas e uma harpa e tudo mais o que você queira".

Respirei fundo, tateando atrás das palavras certas — ou, pelo menos, procurando as que não fossem erradas. Eu conhecia da história de Fred o bastante para saber que qualquer coisa traindo uma simples sugestão religiosa era anátema para ele. O mais cruel dos três pares de pais adotivos que tivera havia sido um pio casal, frequentador de igrejas, que acreditava poder espancar a soturnidade do alheado menino.

"Não sei nada sobre harpas e asas", eu disse. "Só posso dizer-lhe o que eu mesmo observei depois..."

Fiz uma pausa, com receio da palavra perigosa que poderia desfazer a ponte de confiança erigida entre nós. "Depois que eu morri" — isso era o que eu havia começado a dizer. Todavia, aqui estava um homem para quem, com frequência, se havia mentido. Como poderia eu partilhar com ele esse ponto nevrálgico da minha vida, sem parecer o maior mentiroso de todos?

Hesitante, comecei:

"Fred, uma vez os doutores desistiram de mim também, acharam que era caso perdido. Fui declarado morto, com lençol sobre a cabeça e tudo o mais. O fato de que, transcorridos dez minutos, fui trazido para viver um pouco mais sobre esta terra é, para mim, um simples parênteses numa história muito maior. E, Fred... é essa grande história que eu gostaria de contar para você".

Fred tirou um maço de cigarros e, com a mão trêmula, acendeu um.

"Você está me pedindo para acreditar que deu uma olhada nalgum tipo de vida futura? Não importa se esta vida é uma

peça ordinária, porque tudo vai virar rosas na outra... E isso o que você vai dizer, não é?"

"Não estou pedindo que você acredite em coisa alguma. Simplesmente, estou contando aquilo em que eu creio. E não tenho qualquer idéia sobre com o que a outra vida vai parecer. O que quer que eu tenha visto foi, por assim dizer, da soleira da porta. Todavia, foi o bastante para me convencer de duas coisas: uma, que nossa consciência não cessa com a morte física; e que, na realidade, fica mais penetrante e autoconsciente do que nunca. Outra, que o modo pelo qual empregamos nosso tempo, o tipo de afinidades que construímos na Terra é muitíssimo mais — infinitamente mais — importante do que podemos supor".

Por algum tempo, Fred estivera muito aborrecido comigo para me olhar no rosto. E, de repente, perguntou — os olhos fixos na forração marrom e verde:

"Já que você estava tão doente quanto diz, como é que sabia que não estava delirando?"

"Fred, isso é porque essa experiência foi a coisa mais completamente real que aconteceu comigo. E, também, desde aquele tempo, tenho tido oportunidade de estudar sonhos e alucinações. Tratei de pacientes que sofriam alucinações. Simplesmente, não há qualquer semelhança."

"Quer dizer que, honestamente, você acredita que nós continuamos... sendo nós mesmos? Quero dizer, que nós continuamos sendo nós mesmos depois?"

"Apostaria minha vida nisso. Tudo o que eu fiz, nos últimos trinta anos — graduar-me em Medicina, especializar-me em Psiquiatria, e todas as horas de trabalho voluntário com gente

jovem, a cada semana —, tudo remonta àquela experiência. Não creio que o delírio possa fazer isso, possa governar toda a vida de um homem".

"Delírio não podia mesmo", ele concordou. "Mas... e se fosse uma ilusão momentânea? Suponha que... você sabe... estivesse enganado durante todo o tempo?"

"É... suponha que eu estivesse doido, você quer dizer".

Eu estava sorrindo, mas essa era uma pergunta válida, legítima. De todos os mortais, os loucos parecem o mais plausível a si próprios.

"É uma pergunta difícil de responder, Fred. Não creio que qualquer um de nós possa ter sempre a certeza de estar sendo coerente. Todavia, tenho uma razão para esperar que o que digo tenha sentido, e essa razão é a verdadeira inquisição a que fui submetido na Universidade de Virgínia, antes de poder treinar como psiquiatra. Tive de enfrentar cada membro superior do pessoal, um por um, responder a todo o tipo de pergunta que me propusessem. E isso porque a experiência que eu atravessei — a experiência da morte e daquilo que acontece depois — foi tão decisiva para tudo aquilo em que eu acreditava que achei que eles tinham um certo direito de saber sobre ela. Por isso, contei-a para eles. O que os eminentes doutores deduziram, isso eu não sei... Mas, depois de ouvirem tudo o que eu tinha a dizer, todos e cada um deles me julgaram, ao mesmo tempo, são e emocionalmente equilibrado".

"O que prova que os médicos são malucos", disse Fred.

Mas ele estava sorrindo, o primeiro sorriso desde que entrara. Eu sabia que, quaisquer fossem as suas reservas, pelo menos estava pronto a ouvir.

A história era longa demais para ser contada em uma, ou até mesmo em duas sessões, mas senti que, não obstante o tempo que levássemos, a coisa toda valeria a pena. Sendo Fred o tipo de pessoa que era, eu sabia não ser aconselhável começar pela minha interpretação pessoal do fato. Era necessário que ele o escutasse, pormenor por pormenor, tal como aconteceu, para, depois, montar sua própria opinião.

"Não vou tentar induzí-lo a qualquer conclusão, Fred. Vou me limitar a descrever o que se passou, passo por passo, desde o momento em que dei entrada naquele Hospital do Exército. Se, mais tarde, você quiser discutir sobre a significação que porventura exista — significação para você, para mim — poderemos fazer isso".

"Hospital do Exército?" Fred indagou. E retrocedeu: "Isso foi durante a Segunda Guerra Mundial, não foi? Você quer dizer que... levou um tiro?"

"Foi durante a guerra, Fred... mas nenhuma bala me atingiu". Sorri, pesaroso à recordação. "Foi o clima no oeste do Texas..."

## 2

Fechei os olhos, recordando-me de há trinta e dois anos, lembrando-me da longa viagem de Virgínia a Abilene, no Texas, com centenas de recrutas, muitos — como eu — saindo de casa por vez primeira. Eu nascera e fora criado em



Richmond, e lembro-me bem do meu espanto ao constatar que havia, no mundo, algum lugar vazio de árvores.

E comecei a narrativa...

"Era pelo fim de setembro de 1943. Eu estava a caminho do Acampamento Barkeley, no Texas, para o treinamento básico. Contava, então, vinte anos de idade. Era alto, mais magro, o tipo atraente de garoto daqueles dias, cheio de idealismo sobre vencer a guerra e varrer os nazistas.

A única coisa que eu não estava apto a combater era a poeira. Na estação ferroviária de Abilene, fomos acomodados em caminhões que se dirigiam ao acampamento, muitas milhas além. A poeira era soprada com tanta força que, durante todo o trajeto, nada pudemos ver. Eu sabia que o Acampamento de Barkeley tinha de ser um lugar enorme — estimava-se que lá estivessem treinando 250.000 homens —, mas levou dias até que a poeira assentasse o suficiente a me permitir dar uma olhada no local: era uma cidade de barracos de madeira estendendo-se pelo deserto.

Durante as tempestades de pó, nós tínhamos de ir para os exercícios usando óculos de proteção, e, mesmo assim, éramos forçados a ter sempre uma das mãos no ombro de quem ia à frente; caso contrário esbarraríamos uns nos outros. A chuva começava em novembro, e toda aquela poeirada virava lama. Mas o vento secava tudo e soprava pó no rosto de todo o mundo. Costumava-se dizer que era, na Terra, o único lugar onde se podia marchar com lama até os joelhos e ainda levar poeira nos olhos.

Como se não bastasse, ficava terrivelmente frio em dezembro, mais frio do que jamais o fora, em Richmond. No dia 10 de

dezembro, sentamo-nos no chão, por duas horas — fazia 10 graus abaixo de zero —, enquanto algum jovem tenente ensinava-nos o modo correto de limpar o equipamento. Naquela noite, todo o nosso pelotão estava tossindo.

Na manhã seguinte, minha garganta ainda estava doendo, então fui recolhido ao "estaleiro". Seguramente, eu estava com febre, não uma febre muito alta, mais ou menos 38.8° - Mesmo assim, veio um jipe e conduziu-me para o hospital da base.

O hospital era algo da ordem de cinco mil leitos, ocupando mais de duzentas construções em madeira, baixas, todas entrecortadas por corredores. Estando eu com febre, a enfermeira de plantão mandou-me para uma ala de isolamento, que compreendia alojamentos com vinte e quatro camas, um consultório médico, uma sala para o pessoal da enfermagem e, de um lado, por onde se entrava, um cômodo de provisão; do outro, três cubículos, com apenas uma cama em cada um, onde você era alojado caso estivesse realmente enfermo. Eu, no entanto, estava levemente febril, por isso que ocupando a ala principal.

A única coisa que de fato me preocupava era que, no dia 18 de dezembro — e era, então, dia 11 —, eu deveria tomar um trem de volta a Virgínia. Eu havia obtido, simplesmente, a maior oportunidade que um soldado raso de vinte e um anos podia esperar do Exército dos Estados Unidos, e não ia desperdiçá-la por causa de um resfriado tolo. Começaria a frequentar as aulas, no Colégio Médico de Virgínia, aos 22 de dezembro, na minha cidade natal: Richmond. Iria tornar-me

um médico, sob os auspícios do Programa de Treinamento Especial do Exército.

O espanto que tudo isso me causara mantinha-me acordado, à noite, imaginando se era mesmo verdade. Foi logo depois do Dia de Ação de Graças que me mandaram chamar do campo de exercícios para enfrentar uma sala apinhada de maiores e coronéis — até mesmo dois generais-de-brigada. Eu estava certo de que se tratava de uma corte marcial e tentava recordar, evocando cenas de filmes, se eles lhe davam uma oportunidade de telefonar a seus pais, ou se o conduziam para fora e o fuzilavam.

Com meus joelhos tremendo, permaneci em posição de sentido, enquanto eles me crivavam de perguntas. Era verdade que havia concluído o pré-médico na Universidade de Richmond? Era verdade que eu havia sido aceito no Colégio Médico de Virginia? Qual fora a razão que me levava ao alistamento no Exército, já que os estudantes de Medicina eram automaticamente dispensados de incomoração?

Um dos oficiais deu, finalmente, explicações. Pelo inverno de 1943, o Exército ressentia-se da falta de médicos. Todos sabiam que a grande invasão dos aliados, na Europa, ia ocorrer a algum momento do ano seguinte. Por mais quanto tempo duraria a guerra? Cinco anos? Seis?... Eles precisavam de médicos, com rapidez, e — é óbvio — o meio mais rápido de engendrará-los era localizar soldados que houvessem tido qualquer espécie de treinamento anterior.

Sim, disse-lhes, estremecendo de alívio, eu terminara meu pré-médico no verão anterior, aos dezenove anos, completando, em dois anos, o curso que durava quatro. E, era

verdade, minha matrícula no Colégio Médico de Virginia fora deferida. Quanto ao alistamento opcional no Exército... era uma questão pessoal, mas todos esses oficiais estavam me olhando, esperando uma resposta.

Disse-lhes que havia sido por causa do meu pai, devido à sua entrada no Serviço Militar. Permaneceram, então, de olhos grudados em mim, aguardando a história toda, de modo que me lancei a ela. Expliquei que meu pai era um perito em carvão, trabalhando na Estrada de Ferro C & O, viajando em contato com seus grandes clientes, mostrando-lhes como construir fornalhas eficazes, e assim por diante. Quando estourou a guerra, a C & O cedeu meu pai ao governo federal, e ele partiu para uma inspeção nacional das plantas de construção de complexos de energia a partir do carvão, em bases militares. Quando a invasão da Europa se transformou numa possibilidade, ele recebeu uma comissão no Exército e foi designado para integrar um grupo a cujo encargo ficaria a estocagem de combustível para o Dia D.

Eis que o meu pai, já além da idade de recrutamento, estava pronto a atravessar os mares e a seguir as primeiras tropas até ao Continente, para instalar depósitos de combustível. E aqui estava eu, aos vinte anos, ainda na escola, como se nada houvesse acontecido. Por isso me alistara voluntariamente e fora mandado para o Acampamento Barkeley, no Texas.

Eu não comuniquei isto aos oficiais, mas o fato era que umas poucas semanas na poeira e na lama haviam mudado meu pensamento a respeito de quanto um soldado de infantaria era necessário nessa guerra. E, então, bem enquanto sentia quão pouco eu significava, veio a incrível notícia de que, de

qualquer modo, estava indo para a escola de Medicina, por iniciativa do Exército!

Permaneci mirando o teto de madeira da ala de isolamento, metido no pijama branco e empapuçado que eles lhe fornecem, sentindo-me bastante satisfeito com a maneira pela qual as coisas estavam se desdobrando. Suponho que, se eu fosse uma pessoa religiosa, teria dito que Deus fizera tudo aquilo. Todavia, isso não me passou pela idéia, É claro que eu fora à Igreja, de volta a casa, mas isso não tinha sido de tanta importância para mim.

Observar, isso é que era importante. Desde os doze anos, eu era escoteiro, gradualmente subindo de posto, de lobinho a chefe, e, então, no último verão, assistente nível I do Grande Chefe. Desse modo, tendia a, naturalmente, pensar em termos de honra, pontos, promoções etc... Agora, o engajamento voluntário no Exército era quase como uma nota de honra — uma espécie de boa ação —, e o fato de ser mandado à escola médica, uma espécie de recompensa.

Era assim que a vida funcionava. Tome a Medicina como paradigma. Durante toda a minha vida eu tinha desejado ser médico, muito antes de ter idade o bastante para pensar em ganhar a vida. Descobri, então, no colégio, que os médicos podiam ganhar muito enquanto ajudavam as pessoas. O problema era que você não discutia esse mérito para arrebataram os prêmios. Eles vinham como resultado do que devia ser feito de correto.

A enfermeira do Exército deteve-se junto ao meu leito e sacudiu um termômetro. Coloquei-o sob a língua, esperando, no mínimo, boas novas. Era dia 15 de dezembro, e eu já estava

recolhido àquele pavilhão há quatro dias, sem qualquer melhora. Isso estava me deixando preocupado com o embarque, dia 18, naquele trem. Eu sabia que — mesmo passada a febre - você ficava ainda uns dias na ala de recuperação.

A enfermeira leu a temperatura e marcou a papeleta.

"Lamento, mas continua com 38.8º, disse, parecendo realmente consternada. Eu lhe contara sobre a grande oportunidade conseguida; ela e todo o resto do pessoal me pareciam mesmo preocupados.

Importunei-os até que me conseguissem um maço de horários de trens, que guardei na mesinha de cabeceira, junto da bilha, do copo de água, da cuspidreira e da luz noturna. Aqueles horários eram meu laço com o mundo exterior, no meio de toda aquela parafernália hospitalar. Se, por azar, eu ainda estivesse aqui no dia 18, estudaria cada rota ferroviária até Virgínia, até que descobrisse um jeito de estar em Richmond para o início das aulas, no dia 22. Se eu não aparecesse, por certo perderia a chance, pois sabia haver uma dúzia de outros soldados, prontos para tomar o meu lugar. Mesmo que, por algum milagre, o pessoal o reservasse para mim, se eu chegasse depois de começadas as aulas, minhas chances de alcançar a turma eram mais ou menos zero. Esse era um dos mais competitivos programas do Serviço Militar. Fora avisado de que um terço da turma tinha sido reprovado nos primeiros nove meses.

Engoli o comprimido que a enfermeira deixara dentro de um copo de papel e voltei ao meu confortador filosofismo. Sabia, exatamente, por que tinha, desde o início, querido ser

médico. Não era dinheiro o motivo. Era para ajudar o vovô Dabney.

Ele era o pai de minha mãe. Eu era capaz de, fechando os olhos, visualizar seus olhos azuis e seu bigode branco e cerdoso. Os Dabney eram imigrantes franceses que se haviam estabelecido na Virgínia, durante o século XVIII, numa região que ainda guarda o sotaque que lhes era característico. O jardim do vovô Dabney era sempre um "jiardim"; o seu carro, sempre um "ciarro".

Ele e a vovó Dabney eram mais como pais do que avós, tanto para minha irmã mais velha quanto para mim. Nossa mãe faleceu um mês depois de eu ter nascido, e o trabalho do pai, na companhia C & O, exigia que viajasse muito. Assim, vovô e vovó levaram-nos, a mim e a Mary Jane, para "Moss Side", a grande casa de alvenaria situada no que, por aquele tempo, eram os limites de Richmond.

Tratava-se de um lugar maravilhoso para a criação de um menino. Havia cadeiras de vime enormes na ampla varanda, velhos carvalhos em toda a área. Vovó tinha galinhas e uma vaca pelo gramado, até que uma postura municipal proibiu isso. Era uma senhora pequena, à antiga, que chamava o marido por Sr. Dabney e que preferia seu velho fogão a lenha aos novos fogões a gás. Durante todas as manhãs da minha primeira infância, acordei com o ruído do seu moedor de pão na cozinha.

Vovô Dabney era dono da maior loja de calçados do Sul. Na seção infantil, que ficava no segundo andar, havia um carrossel a pedal onde eu adorava brincar. De outras vezes, ele me levava à estação de Acca, perto da nossa casa, para ver

a mudança de locomotivas nos velhos comboios Richmond, Frederik e Potomac.

O outro membro da família era a Srta. Williams, a enfermeira que tinha vindo comigo do hospital em que eu nascera, uma criança prematura e doente, que ninguém acreditava sobrevivesse. O vovô Dabney gostava de contar que eu era tão miúdo que tinha sido levado para casa dentro de uma caixa de sapatos Florsheim. A Srta. Williams usava óculos com aro de prata e tinha um galo no nariz, bem no lugar onde ela o fraturara, e que fora mal soldado. Ela me colocou numa encubadeira — o que, em Richmond, era ainda novidade, até então, — e, depois ficou para cuidar de Mary Jane e de mim.

Quando eu tinha sete anos, papai casou-se de novo. Mary Jane e eu fomos viver com ele e a nossa madrasta numa pequena casa, em Brook Road. A Srta. Williams foi trabalhar para outra pessoa. Eu, porém, ainda passava quase todo o fim de semana com vovô e vovó, em "Moss Side". Aos poucos, com o passar do tempo, observei a decadência do meu avô, que progressivamente se deformava e encurvava, sob a ação de uma doença que ninguém podia curar.

Chamavam-na artrite reumatóide. Quando eu era pequeno, o mal estava circunscrito apenas às suas pernas. Ele caminhava com muletas. Depois, alastrou-se para os ombros e as mãos; ele teve de viver numa cadeira de rodas. À medida que eu crescia, tirava-o da cadeira e colocava-o no seu "ciarro" ou sobre a sua cama. Era, então, que podia observar como lhe causava dores. Não que o vovô, de alguma vez, dissesse algo; ele era a pessoa mais resignada do mundo. Na realidade, o seu médico costumava levar outros pacientes para visitar o velho



aleijado, de modo a que ele levantasse-lhes o moral. Todavia, quando eu o levantava da cadeira, ele se retraía e seu rosto ficava pálido. Foi então que eu me decidi a ser médico.

Já era muito tarde para fazer alguma coisa pelo vovô. Ele morrera há três anos, quando — então — eu contava dezessete. Lembro-me de estar voltando de uma excursão, como os escoteiros costumavam fazer nos fins de semana, e de encontrar o Henry e a Bruce Gordon, meus irmãos, na janela da frente. Henry tinha somente sete anos, e Bruce Gordon, oito, de modo que, provavelmente, eram muito pequenos para atinar o que exatamente se estava passando. Todavia, pude, de imediato, ver que ambos haviam estado chorando. Disseram-me, que papai, mamãe e Mary Jane estavam para os lados de "Moss Side". O corpo do vovô Dabney tinha sido preparado na sala de visitas.

Eu tinha parado sob a porta da sala por longo tempo, experimentando estranha relutância em entrar. O caixão de metal cinzento estava fixo sobre cavaletes, perto do velho fonógrafo edsoniano. Consegui, finalmente, atravessar a soleira e parei, olhando para o meu avô.

No entanto, aquela figura pálida e imóvel não era o vovô Dabney! Ele estava silencioso demais, muito sem cor. Foram as suas mãos que especialmente me chocaram. O maquilador havia esticado os dedos deformados, de modo a que eles ficassem retos sobre o cetim brilhante. As mãos do vovô eram, para mim, mais bonitas quando retorcidas. Aquelas mãos, ali, estavam muito lisas, lívidas como cera. Tinham, para mim, um aspecto horrível.

Mas, conquanto eu jamais pudesse ter a oportunidade de ajudar meu avô, pelo menos ele chamou a minha atenção para o sofrimento no mundo. E se, como eu agora estava descobrindo, um homem podia ganhar dinheiro prevenindo o sofrimento, é que, pura e simplesmente, essa era a maravilhosa justiça em que o universo estava estruturado.

De fato, era engraçado... tão logo eu descobri o lado monetário de tudo, comecei a pensar em todas as coisas que eu gostaria de ter. Organizara uma boa listinha, começando com um Cadillac, uma piscina e um barco.

Eu, o tutelado, estava almoçando no amplo cômodo, de maneira que pus de lado os sonhos de vida fina, o bastante para me concentrar no prato de estanho à minha frente. Mas, quando a refeição terminou, voltaram os vãos da imaginação. Calculei que, neste urgente programa do Exército, eu seria um dos mais jovens médicos a graduar-se. E, então... bem, afinal a guerra não poderia durar para sempre.

Olhei para o anel na minha mão esquerda: o mocho dourado da Fraternidade Phi-Gama-Delta, incrustado na pedra de ônix preto, com os dizeres "Universidade de Richmorid, 1945," dispostos em semicírculo na base. Assim como muitos da turma de 1945, aqui estava eu, em 1943, terminando a escola e enfiado num uniforme. Se eu iniciasse a escola médica este mês e terminasse tudo em três anos... imaginei, por então, que poderia ter aquele Cadillac.

Dia 16 de dezembro. Peguei o monte de horários de trem na mesinha de cabeceira e, pela centésima vez, examinei-o cuidadosamente. Mas, não importava o que eu pensasse.. . não havia jeito de, em menos de 30 horas, ir de Abilene, no Texas,

até Richmond — na Virgínia. Na realidade, eu teria sorte se o conseguisse no espaço de 48 horas, já que vigorava o horário de guerra e que o Natal vinha próximo. Aquilo significava que 19 de dezembro era, positivamente, o último dia para sair de Abilene. E, agora, ao invés de um resfriado, os médicos estavam chamando o que eu tinha de gripe.

Inesperadamente, então, na manhã de 17 de dezembro, o mercúrio do fino tubo de vidro parou em 37,9. A enfermeira de dia imediatamente comunicou o fato ao médico de plantão, oficial do dia. Em poucos instantes, ele surgiu e disse:

"Estou, pessoalmente, levando-o para a Recuperação". Pôs no ombro a minha mochila e pôs-se a caminho por um dédalo de corredores de madeira, e eu caminhando apressadamente atrás dele, com minhas botas e meu capote. Mal podia acreditar que esses homens e essas mulheres, todos oficiais, se submetessem a tanto estorvo por causa de um pobre soldado raso. O médico, porém, garantiu-me que — caso a minha temperatura se mantivesse normal — ele aceleraria o andamento dos papéis da baixa e eu estaria fora no dia seguinte.

A enfermaria de recuperação, para onde eu fora transferido, era tal qual a que acabara de deixar: doze leitos perpendiculares a cada parede, vinte e quatro cadeiras pintadas de branco, vinte e quatro mesinhas de cabeceira, cada uma com uma lâmpada e uma pequena luz noturna. Lá estavam, igualmente, os três escritórios por onde se entrava e os três cubículos particulares transversalmente a eles. Só que, aqui, porque fôssemos convalescentes, não estávamos impedidos de transitar por outras acomodações do imenso

complexo hospitalar, por exemplo, a agência postal, ou o cinema-teatro, que ficavam em outros prédios, por interconexão. No entanto, passei o dia sentado junto à minha cama. Nevava, lá fora, e eu não queria me expor ao risco de pegar um outro resfriado nalgum corredor ventoso.

Fiquei meditando sobre o Natal e sobre como seria formidável retornar a Richmond. Tinha certeza de que dariam aos soldados o feriado de Natal, e, como Richmond era a minha cidade de origem, eu poderia estar com a minha família.

É claro que papai não estava, mas minha mãe por certo estaria. Aliás, ela era minha madrasta e, embora nem sempre nos houvéssemos relacionado bem, o fato de eu estar sentado dentro de uma caserna, num hospital de madeira, no Texas, com a janela marcada de geadas, fez com que me apercebesse de que tinha saudade dela.

Até poderia ser que Mary Jane e seu marido viessem de Fort Belvoir, na Virgínia. Eu sentia mesmo falta de Mary Jane, e até de Henry e Bruce Gordon, de quem eu sentira ciúme desde que nasceram. Agora que minha madrasta tinha filhos do próprio ventre eu estava certo de que não ligava tanto para mim. Mas, no Natal, bem... seria simplesmente "grande" observá-los vozeando escadas abaixo.

Na hora em que as luzes se apagavam, uma enfermeira atravessava a enfermaria de recuperação tomando as temperaturas e anotando-as num caderninho. Era parte da rotina — eles estiveram fazendo isso durante o dia todo, por intervalos — e não desconfiei de nada, até que um contínuo apareceu junto do meu leito, com minha mochila e meu equipamento sob o braço, dizendo:

"Temos de ir para o isolamento".

Olhei para ele. "O que é que você quer dizer?"

"Você está com febre. Tenho de levá-lo para uma enfermaria de isolamento".

"Mas, a minha febre passou! Estou saindo amanhã!"

Ele deu de ombros e foi procurar uma enfermeira. Desta vez, eu mesmo li a temperatura: 39.5?

Inteira e arrasado, segui o soldado através de diversos saguões e alojamentos idênticos aos dois em que estivera. O máximo que esperava era que me levasse de volta para a enfermaria de onde, naquela manhã, eu viera, na qual todo o mundo se interessava tanto por mim. Mas, conquanto esta, onde agora estávamos, parecesse exatamente com aquela, vi — depois de um minuto de observação — que não o era. O contínuo disse haver no acampamento tanta gripe que todos os leitos eram ocupados no instante em que vagavam.

Fui para o que ele me indicou, mas sono era algo fora de cogitação. E agora?... O que é que eu ia fazer? O dia seguinte seria 18. Eu nunca estaria naquele primeiro trem... E, se perdesse também o do dia 19?

Tossi miseravelmente durante a noite toda. Minha tosse e a dos demais, à minha volta, mantiveram-me desperto. Por que a minha febre de repente disparara de novo? Desde o pré-médico, eu sabia que gripe mal curada era passível de evoluir para pneumonia. O que acontecia então era que ninguém podia mover um dedo que surtisse algum efeito positivo. Dizia-se que uns poucos médicos andavam experimentando algumas drogas pouco conhecidas; porém, não se tratava ainda de medicamentos de uso generalizado. Se o meu

problema acabasse em pneumonia - bem, nem se falasse em quanto tempo eu teria de permanecer ali.

Todavia, na manhã seguinte, dia 18 de dezembro, a febre cedeu um pouco, não o suficiente para permitir minha remoção para a Recuperação, mas o bastante para manter acesas minhas esperanças. Falei às novas enfermeiras a respeito da minha meta, em Richmond; elas foram tão simpáticas quanto as outras. De noite, um grupo de integrantes do quadro de pessoal estava preocupadamente discutindo o meu problema. Alguém descobriu, enquanto esquadrihava os horários, um trem que saía de Abilene na noite de 19, mais precisamente na madrugada do dia 20, às 4:00h. Com um pouco de sorte, seria possível chegar a Richmond bem em cima da hora.

"Eu poderia providenciar um jipe para apanhá-lo exatamente aqui, no hospital", falou um dos médicos.

"Se a sua temperatura continua a descer, nós o removemos, de manhã, para a Recuperação. Isso vai ser dia 19, de modo que, de lá, pode ir direto para a estação, amanhã à noite, sem mais se apresentar nos alojamentos da sua companhia", completou.

E, maravilha das maravilhas, na manhã de 19, minha temperatura novamente voltou ao normal! Cumprindo-se a palavra do doutor, fui de imediato removido para uma enfermaria de recuperação, com armas e bagagens e corria requisição de um jipe para me apanhar ali às 3h20min da manhã seguinte.

Ocupei o quarto leito nessa enfermaria, que não diferia, exteriormente, das outras. Doze leitos numa fileira, doze na ala lateral, três escritórios perto da porta, três pequenos

cômodos disponíveis para casos graves. Essa disposição, conquanto monótona, era — para mim — o quarto mais lindo do mundo. Ali, naquela noite mesmo, um jipe estaria vindo, a fim de me levar embora, para sempre, das tormentas de areia e dos campos de exercício.

Naquela tarde, vesti o uniforme, só para me reacostumar ao uso de roupas. Esforcei-me por descansar, mas estava agitado demais para ficar quieto por muito tempo. Lá pelas 17h, o ocupante do outro leito sugeriu que poderíamos matar o tempo indo ao cinema. Da primeira vez em que eu estivera numa enfermaria de recuperação, raramente ousara me mexer, por medo de ficar doente de novo. Contudo, desta vez, estava pronto a topiar qualquer coisa que abreviasse a espera. O suspense desses últimos dias, o fato de quase ficar liberado, voltando — depois — para o isolamento, e de volta à Recuperação, isso tudo estava me fazendo ficar com medo.

Fomos à vespéral, logo depois do lanche, porque eu queria ir dormir cedo. Nem mesmo me lembro sobre o que era o filme. Só sei que estávamos sentando na sala de projeção quando senti um violento acesso de tosse.

Voltamos para a enfermaria por volta das 21h15min; eu fazia figa para que a enfermeira já tivesse terminado as suas "rondas" daquela noite. Somente o contínuo estava de serviço, o que me fez respirar de alívio. Sentia-me febril, e não queria ninguém enfiando um termômetro na minha boca.

Fui à sala do contínuo e pedi algumas aspirinas. Ele me deu seis comprimidos e três tabletes de aspirina, fenacetina e cafeína. Esses eram os únicos medicamentos que podiam ser livremente distribuídos. Peguei no fundo da sua sala a minha

mochila, minhas botas de calcanhar alto, e meu sobretudo verde-acinzentado, e empilhei-os ao pé da cama. Depois, dobrei meu uniforme e coloquei-o sobre a cadeira, pronto para vesti-lo no meio da noite.

Certifiquei-me de que o despertador que uma das enfermeiras me havia emprestado estava preparado para tocar às 3:00 horas. Finalmente, tomei duas aspirinas e um tablete de APC, e — apesar de a maioria do pessoal estar ainda acordado e perambulando — meti-me na cama. Num segundo, estava dormindo.

### 3

Um verdadeiro espasmo de tosse me acordou. Passei a mão sobre a mesinha de cabeceira, à procura da cuspidreira, e cuspi algo. Minha cabeça doía e meu peito parecia em fogo. A enfermaria estava silenciosa e escura. Só as pequeninas luzes noturnas permaneciam pálidamente acesas, ao lado de cada leito. Doze pequenos halos ao longo de cada parede.

Que horas eram? Firmei os olhos no despertador, mas estava escuro demais para vê-lo. Peguei-o, então, e segurei-o mais perto do foquinho.

Meia-noite.

Peguei a bilha de água de sobre a mesa, enchi um copo e engoli mais duas aspirinas e um tablete de APC. Deitei-me, pela primeira vez notando que meus lençóis estavam ficando molhados. Fiquei tendo de me sentar para cuspir. Devo, finalmente, ter tirado uma pestana, porque, de repente,



acordei totalmente sem ar. Quando o acesso de tosse serenou, olhei de novo para o relógio...

Duas e dez.

Menos de sessenta minutos até à hora de levantar. Eu estava me sentindo podre, suando em bicas, o coração às marteladas. Tomei a última aspirina e tentei reconciliar o sono, mas continuei a tossir, enquanto alguma coisa se soltava do fundo do peito. Tive, então, de agarrar a cuspidreira. Finalmente, ajeitei o travesseiro às costas e me recostei. Isso pareceu aliviar a tosse, mas — agora — eu tinha certeza de que estava com febre: o corpo todo me doía. Era preciso que mais ninguém descobrisse, até que eu embarcasse, a salvo, naquele trem!

Verifiquei novamente o relógio. Estava quase na hora de começar a me vestir. Desliguei o alarme. Não tinha o propósito de perturbar todo o *mundo*, se eu já estava acordado. Levantei-me, imaginando se ousaria ligar a lâmpada para começar a me vestir. Se essa tosse não acordara ninguém, nada mais o faria. Acendi a luz, contornei a cama, até à cadeira, intrigado com o tremor das minhas pernas. Peguei o uniforme e, prudentemente, fui para junto da mesinha. Senti-me inteiramente tonto. Era preciso ter cuidado, caso contrário o motorista notaria algo. Parei, mirando a mesinha. A cuspidreira estava cheia de sangue vivo e brilhante, até à borda.

Uma luz se deslocava, proveniente da sala, perto da porta. Fui até lá e olhei para dentro. O auxiliar estava lendo uma revista. "Empreste-me um termômetro, por um instante", falei.

Ele se levantou e alcançou-me um que estava numa prateleira. Afastei-me, alguns passos, antes de colocá-lo sob a língua: isso era só da minha conta. Depois de um minuto, chequei a temperatura, à luz que se coava pela ponta da sala ao lado.

Li ou tentei ler. Não podia entender o que estava se passando. Não importava o quanto eu sacudisse o termômetro... o fio de mercúrio parecia chegar ao máximo. O auxiliar surgiu atrás de mim e tirou o termômetro da minha mão.

"Quase 41.59!" gritou, em altos timbres. E, antes que me fosse possível detê-lo, correu e atravessou as portas duplas que davam para o corredor.

Num minuto depois, voltava, com a enfermeira da noite a toda a brida. Ela apanhou na prateleira da sala ao lado um outro termômetro e pôs-se a controlar o tempo pelo relógio, enquanto eu me maldizia por cabeça-oca. Depois, a enfermeira retirou o termômetro e olhou-o.

"Sente-se", disse ela.

Guiou-me, então, como a uma criança pequena, até a cadeira onde o rapaz estivera sentado, ordenando-lhe:

"Você permanece aqui, com ele. Volto num segundo!"

Enquanto ela desaparecia, eu disse ao soldado:

"Não posso ficar por aqui. Tenho de conseguir me vestir. Preciso tomar um trem, dentro de exatamente uma hora".

"Tenha calma", respondeu-me. "O médico está vindo".

O que é que havia com o cara? Será que ele não tinha me escutado?

"Estou indo para Abilene!", falei. "Um jipe estará vindo me buscar, dentro de vinte minutos!"

"Está certo", respondeu. "Faça o favor de sentar-se, quietinho, e tudo acabará muito bem".

Aquele lunático jamais ligaria para o que eu estava dizendo, e o mesmo aconteceu quando o doutor chegou. Auscultou-me o peito, e começou a cogitar de raios X.

"Ele jamais andará tanto", disse à enfermeira. "É melhor chamarmos uma ambulância".

A enfermeira deu um telefonema, enquanto eu tentava explicar-lhes que não estava esperando ambulância nenhuma; era um jipe. Ainda estava falando, quando dois soldados entraram correndo com uma padiola. O doutor ordenou-me que deitasse, o que, considerando-se que eu devia estar dentro do uniforme, era uma loucura. Todavia, soldado raso não discute com um capitão. Deitei-me na padiola, colocaram à minha volta alguns cobertores e ergueram a coisa toda.

Logo a seguir, senti o ar frio da noite no meu rosto. Estavam, jeitosamente, me colocando dentro de uma ambulância e, em seguida, saímos feito flecha por cima de uma estrada. Pouco tempo depois, a porta foi aberta e, de novo, senti aquele sopro de ar gélido. Conduziram-me, abrindo algumas portas e depositaram a padiola dentro de um quarto cheio de aparelhagens. Um homem de roupa branca inclinou-se sobre mim.

"Acha que pode ficar de pé só por um minuto?", foi a pergunta.

Quase ri quando os dois guardadores de padiola enfiaram os dois braços entre os meus e me puseram de pé. Muito mais do que um minuto eu fico na estação ferroviária... por pouco!

Ainda me segurando pelos braços, conduziram-me a um painel vertical, provido de uma reentrância pouco profunda, onde se devia apoiar o queixo. O homem de branco, medindo-me com os olhos... "Um metro e oitenta e três centímetros", disse, girando uma manivela do lado do dispositivo, para alçá-lo um pouquinho, e — dando um tapinha na reentrância, como a indicá-la para mim, perguntou:

"Pode chegar o queixo até aqui? ótimo. Agora fique quieto por um segundo".

Os auxiliares largaram os meus braços e foram, com o técnico, para detrás de uma divisória. Escutei um clique e um zumbido.

O zumbido aumentou e aumentou. Estava ficando mais forte. Estava dentro da minha cabeça. Meus joelhos pareciam feitos de borracha. Estavam se dobrando, eu estava caindo e o zumbido continuava a crescer.

De repente, pus-me sentado com um sobressalto. Que horas eram? Olhei para a mesinha de cabeceira, mas eles haviam tirado o relógio. Para falar a verdade... onde estava o meu material? Os horários de trens? Meu relógio?!

Olhei à minha volta. Achava-me num quarto minúsculo, o qual eu jamais vira. Graças ao clarão vermelho da luz para noite, via que a cama praticamente o tomava. Havia uma cadeira branca, de madeira, perto da soleira da porta, a cama, a mesinha. Isso era tudo.

Onde estaria eu?

E como chegara ali?

Fiz uma panorâmica, tentando me lembrar... O aparelho de raios X... exato! Eles me levaram para a sala de radiografias e... eu devo ter desmaiado ou qualquer coisa.

O trem! Tinha perdido o trem! Alarmado, pulei para fora da cama, procurando as minhas roupas. É claro que o pessoal do Raios X não sabia de nada a respeito do trem. Por isso, eles me haviam posto ali dentro, ao invés de me mandar de volta para onde o jipe estava esperando.

Meu uniforme não estava sobre a cadeira. Olhei debaixo dela. Atrás. Nem a mala de campanha nem nada. Onde mais, se não naquele pequeno armário embutido, poderiam ter guardado as minhas coisas? Talvez, debaixo da cama? Voltei-me e, então, gelei. Alguém estava deitado sobre aquela cama.

Cheguei mais para perto. Tratava-se de um jovem, de cabelos castanhos e curtos, imóvel. Mas... aquilo era impossível! Eu acabara de saltar daquela cama! Por um momento, lutei com o mistério do que se passava. Era algo excessivamente esquisito de se pensar, além do que eu não dispunha de tempo para tanto.

O auxiliar! Talvez minhas roupas estivessem dentro do seu quarto! Precipitei-me para fora do pequeno cômodo e procurei à minha volta. Duas fileiras de lâmpadas noturnas brilhavam contra as paredes na enfermaria. Não me parecia ter estado ali antes, todavia, não era fácil garanti-lo... todas elas eram muito semelhantes.

A porta da sala, que ficava exatamente numa transversal a mim, estava aberta, a luz estava acesa, mas nem sinal de auxiliar. Entrei. As prateleiras sustinham somente o equipamento de costume... nada de roupas nem de sapatos à

vista. As salas do médico e da enfermeira estavam às escuras — ninguém por lá. Silenciosamente, caminhei pelo corredor lateral, na grande sala onde os soldados dormiam, imaginando se eles não poderiam ter colocado meu equipamento por ali, nalgum canto. A luz, porém, estava pálida demais... não se podia ver muita coisa. Salvo alguns roncões e tosses ocasionais, não se ouvia um só ruído.

Voltei pelos escritórios e dei no corredor, por onde vinha um sargento, carregando uma bandeja de instrumentos coberta por um pano. Com toda a certeza, ele não sabia de nada, mas eu me sentia tão feliz em encontrar alguém acordado que fui em sua direção.

"Perdão, Sargento", disse eu. "O Senhor não teria visto o auxiliar desta unidade?"

Ele não respondeu. Sequer olhou para mim. Continuou a vir, na minha direção, sem diminuir o passo.

"Presta atenção!", berrei, saindo do seu caminho.

No instante seguinte, já ele havia me ultrapassado como se em momento algum me tivesse visto, embora eu ignorasse como não nos havíamos esbarrado.

Foi então que eu vi uma coisa que me deu uma nova idéia. Estava no corredor, mais para baixo, uma porta de metal pesado, dando saída para o exterior. Corri em direção a ela. Mesmo que tivesse perdido o trem, descobriria um jeito de chegar a Richmond!

Quase sem me aperceber, dei comigo mesmo do lado de fora, correndo céleremente, de fato mais rápido do que fora capaz em toda a minha vida. Não estava tão frio quando antes. Na realidade, eu não sentia nem frio nem calor.

Fiquei estupefato, quando - ao olhar para baixo - não vi o solo, mas — sim — copas de arbustos do gênero "prosopis grandulosa". O acampamento Barkeley parecia ter ficado bem para trás, à medida que eu me deslocava velozmente sobre o deserto escuro e frio. Minha mente continuava a dizer que o que eu estava fazendo era impraticável, e, ainda assim... estava acontecendo.

Uma cidade passou sob mim feito relâmpago, os sinais luminosos cintilando nos cruzamentos. Aquilo era ridículo! Um ser humano simplesmente não podia voar sem um avião — mas eu estava voando muito baixo para um avião.

A região parecia, agora, mais arborizada: grandes campos polvilhados de neve. Vez por outra, eu enxergava uma estrada, mas o tráfego era reduzido àquela hora da noite e as cidades pelas quais eu passava estavam escuras e silenciosas.

Estava indo para Richmond. Sabia-o de algum modo, desde o momento em que irrompi porta do hospital afora. O fato de estar indo cem vezes mais rápido do que qualquer trem sobre a terra poderia, sem dúvida, me levar a Richmond.

Mas... agora que eu meditava no assunto, como podia estar certo de ser aquele o caminho para Richmond? Só viajara uma vez entre Texas e Virgínia, indo por outro trajeto, além do que uma grande parte da viagem ferroviária tinha transcorrido durante a noite. O que era que me fazia pensar que eu poderia, por minha própria conta, achar o caminho de volta à Richmond?

Neste instante, um rio extremamente largo estava sob mim. Havia uma ponte comprida e alta, e — na outra margem — a maior cidade a que, até então, eu chegara. Oxalá me fosse

possível descer e encontrar alguém que me fornecesse indicações quaisquer.

Quase de imediato, notei que estava descendo mais devagar. Um foco azul, brilhante, estava bem abaixo de mim, justo onde duas ruas confluíam. Vinha do gás neon de um anúncio luminoso colocado sobre a porta de um prédio térreo, em cuja janela da frente se lia: "Cerveja Pabst — Rótulo Azul". As letras piscando sobre a porta diziam: "Café — Restaurante". E uma luz, coada pelas janelas, derramava-se pela pavimentação.

Fixando-a, dei comigo mesmo completamente parado. A sensação de me ver, de algum modo, no ar, suspenso a mais ou menos 15 metros, era ainda mais estranha do que aquela ventania. Mas eu não dispunha de tempo para queimar as pestanas pensando nisso, pois um homem apareceu andando a passo rápido pela calçada. Finalmente, pensei, poderia descobrir que cidade era aquela e em que direção eu estava indo. No mesmo instante em que a idéia me veio à mente, vi-me com os pés sobre a calçada, acompanhando o passo apressado do desconhecido. Pensamento e movimento tinham se reduzido a uma só coisa. Tratava-se de um paisano, talvez na casa dos 40, envergando capote, e sem chapéu. Estaria, sem dúvida, mergulhado nalgum pensamento, porque sequer me olhou no momento em que tomei o passo a seu lado.

"Por favor", disse eu, "pode me dizer que cidade é esta?"

Ele continuou andando...

"Senhor, por fineza", disse eu, mais alto, "não sou daqui e gostaria muito de..."



Chegamos ao *Café* e ele virou, estendendo a mão para pegar a maçaneta da porta. Será que o homem era surdo? Levantei a mão esquerda para tocar no seu ombro.

Não encontrei resistência.

Fiquei ali, de pé em frente à porta, boquiaberto, embasbacado, enquanto ele abriu-a e desapareceu lá dentro. Fora como se eu houvesse tocado em... ar rarefeito. Algo como se não existisse ninguém ali. Não obstante, eu o vira distintamente, até mesmo o queixo, onde a barba preta estava por fazer.

Renunciei ao mistério do homem sem substância e me encostei no cabo de um poste telefônico, para repensar os acontecimentos. Meu corpo atravessou aquele cabo, como se tampouco ele estivesse ali.

Lá, na calçada daquela cidade desconhecida, passara-me pela cabeça um pensamento de incredulidade, o mais esquisito e árduo que eu jamais tivera. O homem no café, este poste telefônico... supunha que fossem perfeitamente normais. Supunha fosse eu que, de algum modo, houvesse mudado. E se, de algum jeito impossível, ou inimaginável, eu tivesse perdido... minha solidez? Se eu tivesse perdido minha capacidade de segurar coisas, de estabelecer contato com o mundo, até mesmo de ser visto! O que acaba de acontecer com aquele homem. . . Era óbvio que, em momento nenhum, ele me vira ou ouvira.

E, agora - estando eu diante de fatos -, sabia que tampouco aquele sargento, no hospital, me tinha visto e ouvido. Era como se eu nã\*o existisse para ambos.

E, continuaram os pensamentos perturbadores, se aqueles dois não me tinham visto, o que era que me havia feito pensar que

as pessoas do Colégio Médico de Virginia iriam ser capazes de me ver? Qual era o sentido daquela impetuosa corrida para Richmond, se — quando eu chegasse — ninguém poderia registrar minha presença?

O mesmo em relação ao Natal. E se eu chegasse a casa para o Natal e nem mesmo a minha família pudesse me enxergar? Assolou-me uma terrível solidão. Eu tinha de readquirir aquela solidez à qual as demais pessoas correspondiam. De algum modo, de algum jeito eu tinha de fazer isso.

De repente, recordei-me do rapaz que eu vira sobre a cama, naquele exíguo quarto de hospital. E se aquilo fosse... eu? Ou, seja lá o que for, a parte material, minha parte física, da qual, por algum processo inexplicável, eu me separara? E se a forma que eu deixara deitada num quarto hospitalar, no Texas, fosse a minha própria forma?

E, se o fosse, como eu poderia dar por lá de novo? Por quê, tão impensadamente, me afastara eu de lá?!

Movia-me de novo, velozmente me afastando da cidade. Abaixo, estava o rio, muito largo. Eu parecia estar voltando, voltando para de onde viera, e tudo isso ainda mais rápido do que antes. Lagos, colinas e fazendas sumiam-se de sob mim, à medida que eu seguia, a toda, numa linha reta constante, sobre a terra ensombrecida pela noite.

Finalmente, rarearam as árvores e, num relance, vi e reconheci os arbustos de "prosopis grandulosa" e as revinas áridas do leste do Texas. Lá estavam os telhados dos alojamentos do Acampamento Barkeley, silhuetas negras e longilíneas recortadas no chão coberto de neve. Agora, eu

descera e estava reduzindo a velocidade. Num momento, eis-me parado, de pé, em frente ao hospital da base.

Corri para dentro. Lá estava o setor de admissões, onde, havia dez dias, eu preencheria a ficha. Evidentemente, estava silenciosa àquela hora da noite, porque os escritórios estavam fechados e trancados. Sobressaltado, desloquei-me pelo corredor da esquerda, mas detive-me ao observar que ele me levava a algo que parecia um refeitório. Onde estava o auxiliar a quem, cedo, eu fizera despertar naquela noite?

Finalmente, depois de passar por inúmeros saguões, cheguei a uma grande sala que me pareceu familiar. Havia, sobre cada leito enfileirado junto à parede, uma forma adormecida; todavia, aquela por que eu procurava — aquela que eu, agora, estava convicto de pertencer a mim — estava num dos pequenos quartos próximos à porta. Disso eu tinha certeza. Olhei, ansiosamente, para dentro de cada um deles... os dois primeiros estavam vazios, e, no último, havia um homem em tração, ambas as pernas engessadas.

Voltei para o corredor e olhei para os lados, indeciso. Onde estava aquele pequeno quarto? Pelo menos, em que ala daquele hospital imenso estava ele situado?

Eu puxava pela cabeça, torturava o cérebro tentando me lembrar de alguma coisa — fosse o que fosse —; algo que me ajudasse a localizá-lo, mas de nada adiantava. Devia ter estado inconsciente quando me transportaram da sala de raios X para lá; e, quando acordei, estivera tão obcecado pela idéia de chegar a Virgínia que safra atabalhoadamente, sem ao menos olhar para trás. O caso era que por ali, nalgum lugar dentre aproximadamente duzentos alojamentos, existia um quarto

exíguo, que se revestia, para mim, de infinita importância. E ele poderia ser qualquer um dentre tantos.

Desse modo teve início uma das mais estranhas buscas que já houve: a procura de mim mesmo. Corri de uma para outra enfermaria daquele enorme complexo hospitalar, parando em cada pequeno quarto, curvando-me sobre o ocupante do leito, e prosseguindo apressado. Havia centenas e centenas desses cubículos de solteiro, uns iguais aos outros. As enfermarias eram tão semelhantes que logo me confundi a respeito daquelas em que eu estivera. Já não sabia até que ponto eu estava ou não indo e vindo pelos mesmos trajetos.

Aos poucos, uma verdade bem mais alarmante tomou conta de mim.

Em momento algum eu me vira a mim mesmo.

Não de fato. Não do modo pelo qual eu vira outras pessoas. Do peito para baixo, observara o suficiente para saber que se tratava de mim mesmo; mas, dos ombros para cima, agora me apercebia que tudo se reduzia a uma imagem bidimensional, como que espelhada, olhando-me fixamente de dentro de um compartimento de vidro. Vez por outra, um instantâneo também bidimensional. E isso fora tudo. A minha presença volumétrica animada e capaz de ocupar o espaço-curvo, essa de modo algum eu conhecia.

Descobri ser aquele o modo por que reconhecemos as pessoas: não pelo formato do nariz, nem pela cor dos olhos, mas pelo impacto do todo tridimensional, com todos os componentes, a um só tempo.

É claro que eu sabia quanto media e pesava. Como se memorizasse a descrição de um estranho, fui repetindo: um metro e oitenta e três, oitenta quilos e setecentos gramas.

Todavia, de que adiantava aquilo quando se estava estirado sobre a cama? Ali se encontravam fileiras e fileiras de soldados que deviam ter mais ou menos aquela dimensão. Tal como eu, estavam todos por volta do final da mocidade, ou lá pelos vinte anos quase, todos enfiados em pijamas de hospital, sob cobertores do Exército, e todos com os cabelos cortados à moda escovinha.

A forma por que eu procurava tinha de estar num dos três pequenos quartos para solteiro, que ficavam à frente de cada enfermaria. Isso era o único fato que eu conhecia perfeitamente. Naqueles quartos, não obstante, eu já havia visto uma dúzia de homens que se assemelhavam precisamente com o sujeito que eu acreditava ser eu mesmo, além de que mal começava a procura naquele lugar que mais parecia um labirinto. Como eu ia saber que me havia achado a mim mesmo? Teria eu já morrido?

Continuei a caminhar, a parar, a examinar rostos sem que conseguisse me encontrar. A solidão que experimentava na cidade pouco familiar transformava-se em pânico sempre crescente. Eu estava isolado de toda e qualquer pessoa no mundo, desligado da própria solidez da terra física, e agora... até mesmo da minha identidade.

Se a pessoa sobre a cama era pesada, ou no caso de ter cabelo louro ou sardas, eu me precipitava para ela. Mas nem sempre era fácil distinguir esses sinais, ao halo pálido da luz noturna. Não havia esperança. Apoiei-me a uma parede (a posição era

um hábito, a despeito de haver crescido acostumado ao fato de que paredes e mobílias não me sustentavam) e quebrei a cabeça atrás de alguma informação da memória, alguma característica física que me identificasse exclusivamente a mim, entre todos aqueles soldados que, pela casa dos vinte anos, ali dormiam. Algum sinal no rosto ou nas mãos? Alguma verruga, talvez... ou, uma cicatriz? Não... o anel.

Claro! O ônix negro e oval com o mocho dourado... Por que não pensava nisso antes! Seria preciso reiniciar tudo, voltar a cada quarto onde estivesse deitado um sujeito que se parecesse com aquilo que eu achasse que eu mesmo parecia. Recomecei pelo caminho por onde viera.

Quer dizer... eu achava que esse era o caminho. Tudo era tão confuso: enfermarias idênticas, dando para corredores idênticos. Entrei e saí rapidamente nos quartos de solteiro, procurando, numa mirada, ver se a mão esquerda estava fora das cobertas. As mais das vezes, porém, estava escondida entre os lençóis, e tudo o que então me cabia fazer era esperar que o indivíduo mudasse de posição.

Uma vez, demorei-me sentado ao lado de um jovem de cabelos pretos, cujos queixo e boca faziam-me, à claridade mortiça, recordar os de meu pai. O rapaz gemia baixo, dormindo sobre o lado esquerdo, com o braço esquerdo sob o travesseiro. Quanto mais eu fixava o olhar sobre ele mais me convencia de que aquele era o meu próprio eu físico. Por diversas vezes consecutivas, agarrei o travesseiro, tentando atirá-lo longe, mas meus dedos fechavam-se em pleno ar. Finalmente, o moço levantou-se apoiado sobre um cotovelo,

apalpando a mesinha de cabeceira, atrás da jarra de água. Sua mão esquerda ostentava uma aliança de ouro.

Continuei a procurar, de enfermaria a enfermaria. Passei por um bom número de soldados despertos que, ou, silenciosamente, olhavam para o teto, ou se sentavam sobre a beira da cama, fumando um cigarro. E era precisamente esse pessoal acordado que tornava minha solidão terrível. Uma coisa é entrar sem ser percebido num quarto onde alguém esteja dormindo; outra, muito diferente, é ver que a pessoa olha diretamente para você e não manifesta sinais da sua existência. No saguão, ainda uma vez, dei um pulo para o lado, dando passagem a uma enfermeira ou a um ordenança que se aproximasse. Agora, sabia que não colidiríamos - nem mesmo nos poderíamos tocar um no outro — embora o pensamento de que alguém podia andar através do mesmíssimo espaço onde eu me achava de pé fosse algo a que eu não podia fazer frente.

Finalmente, minha perambulação conduziu-me ao departamento de Raios X. O operador de roupa branca, que, anteriormente, eu encontrara, estava sentado a uma mesa, tendo alguns papéis num prendedor. Ali estava o último dos seres humanos que tinham falado comigo.

Gritei para ele:

"Olhe para mim! Estou bem aqui, de pé!"

Ele destampou sua caneta e tomou nota de alguma coisa. Seria verdade que nada mais que umas poucas horas fosse tudo o que medeasse o momento em que me haviam, numa padiola, conduzido para ali e aquele instante, agora? Com toda a certeza, aquilo acontecera havia semanas, havia anos. Ou... a

questão era de minutos? Havia, também, alguma coisa esquisita com o tempo, naquele mundo onde regras a respeito de espaço, velocidade e massa não vigiam. Eu perdera toda a capacidade de avaliar o quanto demorava uma daquelas experiências: se uma fração de segundo, se horas.

Relutei em me afastar da única pessoa que, até então, reconhecera. Todavia, depois de não sei quanto tempo, continuei a minha peregrinação. Mais corredores, mais enfermarias: doze leitos enfileirados perpendicularmente à parede direita; doze ao longo da parede esquerda, três escritórios lá no fim, próximos à porta, três quartos depois deles. Homens que dormiam, homens totalmente acordados, indivíduos entediados, seres que sentiam medo; jamais, porém, o anel com o mocho.

Um jovem chorava, dentro de um cubículo. Provavelmente, nostálgico. Muitos de nós choravam, no momento em que pensávamos no fato de que ninguém nos via, especialmente naquele momento, quando o Natal já ia chegando.

Ninguém no outro cubículo. Cama desprovida de lençóis. No último quarto...

Recuei, surpreso. Havia alguém sobre a cama, com tudo em ordem, só que o lençol havia sido puxado de modo a cobrir a cabeça, deixando descobertos apenas os braços.

Aqueles braços pareciam estranhamente enrijecidos e retos, sem naturalidade, as mãos com as palmas viradas para baixo...

Um pequeno mocho de ouro estava no dedo médio! Um mocho incrustado numa pedra oval, de ônix negro.



Olhos cravados naquela mão, engatinhei — devagar — na direção da forma. Havia alguma coisa de terrível a respeito. Mesmo à pálida claridade da luz para noite, pude observar que os braços estavam brancos demais e muito lisos. Onde já havia eu visto uma mão igual àquela? Lembrei-me então: a mão do vovô Dabney, exposto na sala de estar, em "Moss Side".

Retornei para a porta. O homem sobre aquela cama estava morto! Experimentei a mesma relutância que da primeira vez em que fora forçado a permanecer dentro de um quarto com uma pessoa morta. Mas... e se aquele fosse o meu anel? Então... então seria eu mesmo, tratar-se-ia da parte separada de mim. Aquilo significava que eu estava...

Pela primeira vez, em toda essa experiência, ocorreu-me a palavra "morte" em conexão com o que se estava passando.

Acontece que eu não estava morto! Como poderia conciliar as duas coisas: estar morto e acordado? Pensava: a morte era diferente... e, realmente, experimentava isso. A morte era... eu não sabia... mergulhar no vazio... era o *nada*. Mas, eu era eu mesmo, completamente acordado, só que sem um corpo físico para operar.

Freneticamente, agatanhei o lençol, tentando afastá-lo para descobrir a fisionomia do cadáver. Meus esforços sequer agitaram o ar silencioso do pequeno quarto.

Finalmente, afundei na cama, desesperado. Ou, melhor: fiz isso mentalmente, pois que — na realidade — meu ser desencarnado não foi apto a contatá-la fisicamente. Ali, bem

Apoiamos os direitos autorais.  
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



[umanovatterra.pt](http://umanovatterra.pt)